

BANHISTAS E BANHEIROS: RECONFIGURAÇÃO IDENTITÁRIA NA PRAIA DA ERICEIRA

Rita Jerónimo

No contexto da análise dos discursos e práticas da marcação do tempo social, foram identificados na vila da Ericeira dois momentos diferenciados que correspondem a duas formas de experienciar e valorar a vida da comunidade: o Inverno, em que a Ericeira se recolhe e apresenta a si própria, e o Verão, em que todos se mobilizam para o exterior em função dos “estranhos” que aí se deslocam para “ir a banhos”. As relações estabelecidas entre “locais” e “estranhos” na principal praia desta vila, a Praia de Banhos, e a reconfiguração social que estas relações consubstanciam são o mote para a discussão das estratégias identitárias que um espaço à beira-mar sugere.

“A Ericeira está moribunda... Porquê? Dantes tínhamos um porto de pesca. Em 1838 havia na Ericeira 43 barcos de pesca profissional, hoje há 13. A Ericeira só tem vida em Agosto”, podia ler-se num carro alegórico do cortejo de Carnaval de 1998. Estas expressões deixam transparecer as mudanças de que a vida económica e social desta vila foi alvo nos últimos anos, e servem de ponto de partida para este texto.¹

A Ericeira é uma vila costeira, e a sua localização à beira-mar define as principais actividades que ocuparam a comunidade local ao longo da história. A pesca, apesar de ter perdido a importância de outrora na economia local, apresenta-se como um elemento simbólico central na definição da identidade ericeirense de hoje; o turismo, por outro lado, é a garantia do rendimento anual da maior parte das famílias da Ericeira e base da assunção da vila enquanto “estância turística”.

A sua localização marítima induziu experiências específicas do tempo. Foi a percepção de um ciclo anual desigual, de um tempo vivido “às fatias”, que me sugeriu uma análise que tomasse como ponto de partida as implicações da variação sazonal (cf. Gell 1992, Fentress e Wickham 1994). Esta variação é percepcionável de forma significativa nos espaços à beira-mar, altamente concorridos durante a estação quente e praticamente abandonados durante a estação fria. O Verão assume-se como o “momento de excepção”: aos banhistas² permite novas sociabilidades e

¹ O presente trabalho resultou da pesquisa efectuada no âmbito do mestrado em antropologia: patrimónios e identidades do ISCTE (1999), no qual foi produzida a dissertação *Sazonalidade e Tradição: Construção Social do Tempo na Vila da Ericeira*.

² A já longa permanência de forasteiros na Ericeira e a sua emergência como frequentadores dos ares e dos banhos de mar, fez com que estes fossem denominados de banhistas. Apesar de desde há muito, os propósitos dos que aí se

aos habitantes locais (os “jagozes”)³ garante o sustento económico de todo o ano.

Procurei então perceber de que forma os grupos e os seus tempos convivem nos diferentes espaços de utilização comum, nomeadamente no espaço da praia.

Este texto divide-se em duas partes. Numa primeira parte são caracterizados os grupos que frequentam a Ericeira e a relação que se estabeleceu entre eles ao longo do tempo de convívio. Na segunda parte, centrando-me no espaço da praia, nomeadamente na principal praia de banhos da vila, a Praia do Sul, lançarei pistas para a compreensão da relação estabelecida pelos dois grupos – banhistas e “jagozes” – com este espaço e procurarei dar conta do papel específico dos intermediários entre a praia e os banhistas – vendedores, nadadores-salvadores e, principalmente, banheiros – na gestão da relação dos ericeirenses com esta praia.

Turismo tem sido a palavra escolhida para designar as experiências dos indivíduos durante o tempo de lazer. Se o lazer é a libertação temporária das obrigações impostas pela vida quotidiana, uma pessoa torna-se “turista” quando se desembaraça dos constrangimentos do trabalho e do tempo e procura contrastes com a existência e locais quotidianos através da deslocação para um espaço diferente (cf. Daumard 1982, MacCannell 1976). Segundo Valene Smith (1978), o encontro turístico é, na sua forma mais simples, uma transacção entre dois grupos de estranhos, com diferentes *backgrounds* culturais: anfitriões e hóspedes. Mas aquilo que os diferencia de uma forma decisiva é o facto de uns estarem a trabalhar enquanto outros desfrutam o seu tempo de lazer, ou seja, o turismo induz um desequilíbrio dificilmente ultrapassável. De uma maneira geral, hóspedes e anfitriões mantêm uma grande distância social, que hoje tende a diminuir; no entanto, enquanto dura a transacção de que fala Smith, os forasteiros ostentam símbolos com uma conotação positiva na sociedade moderna, enquanto as populações locais tentam retirar o maior lucro possível da presença dos forasteiros.

As estâncias de férias têm por base, de uma maneira geral, a relação estruturadora que se estabelece entre anfitriões e hóspedes. Esta relação pode mesmo estar no centro da identidade local.⁴

deslocam terem deixado de ser “os banhos” (no seu sentido medicinal), os ericeirenses continuam a apelar alguns veraneantes de banhistas.

³ Designação para os ericeirenses que, apesar de ter sido originalmente utilizada de forma pejorativa, hoje foi incorporada como identidade – localmente já se ouve falar em “identidade jagoz”.

⁴ Numa investigação levada a cabo em Maiorca, Jaqueline Waldren (1996), ao analisar o conteúdo dinâmico dos conceitos de “*insiders*” e “*outsiders*” e as tensões e compromissos que daí resultavam, conclui que estes estão na origem do sentido de identidade local. A população local, buscando o equilíbrio entre a tradição e a modernidade, combate as rupturas causadas pelos forasteiros, retirando vantagens das oportunidades sociais e económicas que lhes são oferecidas pela sua presença. Isso é conseguido através da revitalização da sua herança cultural dentro das condições de mudança trazidas pelas pessoas “de fora”; assim, a população local continua como uma comunidade com as suas próprias fronteiras simbólicas, não apesar dos “*outsiders*” mas por causa da sua presença (Waldren 1996: 250). A este propósito, cf. também Abram, Waldren e MacLeod 1997.

As primeiras referências a forasteiros na Ericeira inserem-se num contexto de “vilegiatura”, prática de estadia prolongada num lugar diferente do espaço de residência habitual, que ocorre num tempo dedicado ao repouso e à cura, principalmente na estação calmosa. Jaime Lobo e Silva, nos Anais da Vila da Ericeira, refere que, em 1803, o bispo de Coimbra “vinha a banhos” à Ericeira (cf. Silva 1985), donde se depreende que, tal como no resto do país, a Ericeira começou a ser procurada para “banhos” e a ser conhecida como estância balnear ainda no século XVIII. Mas é a partir do meio do século XIX que estas referências se tornam mais frequentes.

Muitos foram os factores que constituíram atractivos desta vila para a prática de banhos. Nos depoimentos do princípio do século XX aparecem em primeiro lugar os benefícios da água do mar, que proporcionava os banhos frios requeridos na época, seguidos dos elevados teores de iodo, muito recomendados pelos médicos de então, das águas minero-medicinais das Termas de Santa Marta, do enquadramento “pitoresco” facultado pela actividade piscatória e, por fim, do clima ameno. Alberto Pimentel, nas Cartas da Ericeira, em 1902, considera esta vila “uma das praias mais pitorescas e beatíficas do país”, onde “reina uma inocência de costumes quase patriarcal, uma simplicidade de hábitos e distrações que nos purificam quaisquer paixões ruins, porventura adquiridas na vida podre de Lisboa” (Pimentel 1995: 13).

Também as visitas da família real e seu séquito na época de Verão foram focos de atracção da “burguesia” lisboeta. A análise dos jornais locais, nomeadamente no seu interesse pelas personalidades que se achavam a banhos na Ericeira, demonstra uma tentativa de conceder maior projecção à vila, mas permite também concluir que, no século XIX, eram muitos os membros da aristocracia e governo que ali se deslocavam durante a época estival. Por volta do fim do século parece haver um aumento da população forasteira, acompanhado de um importante incremento dos transportes.

Nesta altura são também frequentes as notícias que expressam de forma clara o entusiasmo com que os banhistas são recebidos na vila. Este facto está, a meu ver, associado à extrema pobreza em que vivia o povo da Ericeira. Muitos são os “jagozes” que afirmam ter vivido, durante muito tempo, exclusivamente da boa vontade dos forasteiros; são inúmeras as notícias de quermesses, bailes, festas de beneficências e solidariedade, e outras iniciativas por parte das pessoas “de fora”, que além de proporcionarem diversões aos banhistas se traduziam numa ajuda para os naturais da vila.

Desde os anos 30 até meados do anos 60 do século XX, o fim da época de veraneio era marcado por uma revista teatral levada à cena no casino e encenada e representada por elementos da colónia balnear com propósitos de solidariedade para a população ericeirense, pois as receitas revertiam a favor da Misericórdia da Ericeira. Também são inúmeras as referências à prática de os “jagozes” baterem à porta dos banhistas a pedir comida. As ajudas dos

forasteiros abrangiam também outras áreas: em 1895 as principais ruas da vila são varridas a expensas de um banhista, processo que, em 1917, também financiou a substituição das lamparinas da praça por lampiões.

A distância social entre banhistas e locais era então muito marcada e os espaços de convívio de cada um dos grupos assumiam um carácter de exclusividade.

O turismo que se encontra na Ericeira hoje é já massificado, as matizes que distinguem os diferentes tipos de veraneantes que frequentam a vila e as suas praias são subtis e as distinções estabelecem-se pelas diferentes motivações para ali passarem férias, bem como pelas formas como se relacionam com o espaço e com os seus habitantes. Assim, são distinguidos localmente dois tipos de frequentadores. Designam-se como banhistas aqueles que têm uma história de frequentação da vila, aqueles cujos pais os “jagozes” ainda conheceram, aqueles que ali brincaram em crianças, ou seja, os pertencentes às “famílias antigas”; e designam-se como turistas todos aqueles que ocasional e descontinuamente aí se deslocam para passar um dia ou temporada, não estabelecendo com a vila ou com os seus habitantes uma relação privilegiada.

No entanto, o desequilíbrio que tentei contextualizar historicamente mantém-se, pois se os banhos inauguraram uma série de infra-estruturas e estilos de vida a que os habitantes da Ericeira se vão, aos poucos, habituando (e a que vão até aderindo), o Verão continua a ser entendido como o tempo de trabalho por excelência – em oposição ao tempo de lazer dos forasteiros.

As dificuldades que decorriam da actividade piscatória e a consequente falta de rendimentos durante o Inverno faziam com que os ericeirenses sobrevivessem através de soluções encontradas à custa da presença dos “estranhos”, nomeadamente com o produto do aluguer das suas casa próprias durante o Verão. Recolhi relatos de famílias inteiras constituídas por avós, filhos e netos a viverem apenas num quarto para alugarem as suas casas durante os meses de Verão. A prática dos “regalistas”, passeios em barcos de pescadores profissionais que transportam pescadores amadores à cana em troca de um valor monetário ao dia, também se enquadra neste registo.

Selecionei a praia como principal “lugar” de observação, sendo “lugar” aqui entendido enquanto algo de relacional e histórico, pois, assumindo-se como decisivamente sazonal – já que as práticas e o interesse de que é alvo durante o Verão e o Inverno são substancialmente diferentes –, a praia permite interpretar os mecanismos de apropriação e gestão de um espaço por dois grupos diferentes: os que a frequentam de Verão e aqueles que vivem com ela no Inverno.

A homogeneidade das práticas balneares parece retirar-lhe a pertinência analítica, mas a praia, pelo contrário, parece ser o teatro onde a sociedade se revela e evidencia os jogos e ritos em que se baseia. Jean-Didier Urbain afirma mesmo que a praia aparece à análise como um desses lugares

privilegiados onde a sociedade se encena, com os seus ritos, símbolos, costumes festivos, convenções, desejos, normas, divisões, alianças, enfim “a sua lógica organizadora e os seus sentimentos” (Urbain 1996: 19).

Na praia, a sociedade exhibe-se, observa-se, entreolha-se e encena-se a si própria para ela mesma. Além do papel desempenhado pelo narcisismo individual, a homogeneidade e as pareanças manifestam-se ao nível dos grupos, familiares e de classe (cf. Corbin 1995, Daumard 1982). Assim, o banhista comporta-se a partir de unidades de referência como a família ou o grupo de amigos, transplantando para a praia o modelo de sociabilidade quotidiano, sensivelmente aliviado de constrangimentos materiais e morais e simultaneamente acrescido de novos constrangimentos. Ou seja, a praia é apropriada socialmente e investida de sentidos pelos que a frequentam e representam, manifestando a tensão entre a procura de uma escapatória face às emoções, comportamentos e ordem social dominantes, por um lado, e a conquista de um universo acolhedor, familiar e, de algum modo, identitário, por outro. Como em diversos outros lugares, os indivíduos na praia recusam a alteridade e desejam encontrar espaços de identidade e similitude. Nas palavras de Urbain, “é sobre a base desta rejeição e desse desejo que se organiza o microcosmos balnear como sistema de signos e de normas comportamentais onde prevalecem o olhar e a aparência” (Urbain 1996: 236).

A praia interessa-me aqui enquanto um espaço no qual se projectam os mecanismos que estão na base da relação já sumariamente definida entre anfitriões e hóspedes.

Antes de mais é preciso que tenhamos em consideração que, para uma população que vive à beira-mar, a praia não é essencialmente um lugar lúdico ou de diversão (mesmo que o comece a ser nomeadamente para as gerações mais recentes), mas antes faz parte das suas práticas quotidianas e das suas representações do território experienciado.

Como vimos, para a população ericeirense as práticas balneares foram durante muito tempo entendidas como inacessíveis, práticas dos “outros”.

Dentro daqueles que são hoje os limites da vila da Ericeira podemos encontrar quatro praias distintas: a Praia do Peixe ou dos Pescadores, a Praia de S. Sebastião, a Praia do Norte ou Algodio e a Praia do Sul ou Baleia, também denominada Praia de Banhos. À semelhança da situação de rivalidade que existia entre os habitantes dos bairros do Norte e do Sul da vila, também as praias eram defendidas por aqueles que as frequentavam e lhes eram fiéis. No entanto, um aspecto parece consensual: ao norte estava a pacatez e o sossego; ao sul, o bulício e a animação social.

A Praia do Sul assume um papel central, não tanto ao nível das práticas, mas enquanto lugar apropriado pelo “estranho” – ao contrário da Ribeira, como é designada localmente a Praia dos Pescadores, que se constitui enquanto um espaço familiar e exclusivo dos ericeirenses. Note-se que a própria desig-

nação destas duas praias pelos dois grupos é interessante, uma vez que a Praia do Sul é designada localmente como Praia de Banhos e a Ribeira – designação local – é denominada Praia dos Pescadores pelos banhistas.

A Praia do Sul, ou de Banhos, constituiu, durante muito tempo, a única praia de banhos da vila, e assume-se ainda hoje como a mais importante, a mais “tradicional”, como é frequentemente referida. Tendo como pano de fundo a relação histórica estabelecida entre “jagozes” e banhistas já sumariamente caracterizada, a população mais idosa considera que o povo da Ericeira foi, desde criança, “excluído” desta praia. Segundo o relato de um antigo banheiro, “Quando éramos miúdos e vínhamos para aqui, tínhamos de fugir do cabo do mar, senão ele corria connosco porque não tínhamos fato de banho. Não havia dinheiro para essas coisas”. Este homem de 76 anos assume que esta “exclusão” foi incorporada pelos “jagozes”, que sempre tiveram bem clara a distinção entre eles e os banhistas.

De uma maneira geral, os ericeirenses “não gostam” da Praia do Sul. As justificações para a “falta de gosto” por esta praia são variadas. Podem, no entanto, ser agrupadas em duas ordens de razões: 1) o aspecto físico; 2) o “ambiente” social. No que diz respeito ao primeiro aspecto, a falta de condições de segurança da praia parece ser um factor de consenso, pois cerca de 70% das pessoas inquiridas referiram-se a esta praia como sendo “perigosa”, por causa da poluição, das rochas ou das pedras que caem das arribas.

Apesar da sua rejeição se basear em critérios de ordem física, quando interrogadas se frequentavam a praia quando esta não era poluída, nem perigosa, as respostas são: “não, nunca gostei”. Parece claro que a rejeição física da Praia do Sul por parte dos ericeirenses decorre directamente da rejeição do ambiente social que mantém. Ou seja, a Praia do Sul é um espaço, à partida, excluído das suas vidas, mas essa exclusão precisa de uma justificação. A justificação encontrada foi “o seu aspecto físico”.

Os resultados dos questionários aplicados na vila da Ericeira mostram uma diferença nítida entre as camadas mais idosas (acima dos 60 anos) e os jovens. De uma maneira geral, os primeiros não frequentam a praia enquanto banhistas. Nenhuma das mulheres entrevistadas com mais de 55 anos frequenta a praia, enquanto os homens gostam de lá ir “dar uma volta”.

Os mais jovens, pelo seu lado, frequentam a praia mas, de uma maneira geral, não procuram a Praia do Sul. Nota-se mesmo alguma repulsa, pois consideram que esta praia foi apropriada pelos “estrangeiros”, o que faz com que eles próprios não se sintam lá bem. Esta rejeição baseia-se em argumentos que têm como base a frequência desta praia, ou seja, as pessoas que a ocupam durante o Verão.

Mas se notamos que começam a procurar esta praia para os seus banhos de mar, os ericeirenses reconhecem: “Não gosto da praia quando tem muita gente, gosto de lá ir andar de bicicleta de Inverno, ou durante a semana quando está calor”.

A consciência de um “património” a usufruir vai desbravando caminho através das ideias veiculadas e reproduzidas durante dois séculos, de que a Praia de Banhos era para os banhistas. Para os banhistas deixa-se o Verão, mas o Inverno na Praia do Sul é dos ericeirenses.

Tentei demonstrar neste ponto que as recolhas de informação efectuadas junto dos naturais da Ericeira permitem concluir que estes não apresentam uma ligação privilegiada com a Praia do Sul. Ao afirmarem que “é a praia mais turística” dizem-nos que os turistas são “os outros”, não eles e, como tal, são “os outros” que a frequentam. A praia de banhos está ausente, não é incorporada nos discursos e nas vivências da vila. Aparece apenas como um emblema apresentado ao exterior que deve ser preservado e valorizado.

Se, de uma maneira geral, a Praia do Sul é vista como um “lugar” apresentado ao exterior com o qual os ericeirenses não estabelecem laços aprofundados, existem, como vimos, casos particulares que vão contra esta tendência. Sendo a praia “mais turística” da Ericeira, esta praia é também aquela que mais e melhores infra-estruturas apresenta, e aí trabalham “jagozes” que lidam com a praia todos os dias de Verão e que estabelecem com os forasteiros relações privilegiadas.

Durante o Verão, estes ericeirenses desligam-se dos seus trabalhos quotidianos e encontram na praia o seu espaço simultaneamente de trabalho e de lazer. Ou seja, são pessoas para as quais a praia é fulcral, não só porque permite o seu sustento, mas também porque é um “lugar” de afectos que sustenta a sua identidade profissional, ainda que parcial. As pessoas de que falo constituem-se em “personagens” fundamentais neste ambiente paisagístico e sensorial e assumem um papel decisivo nas memórias e nos discursos de uma praia familiar. Oriundos, na maior parte dos casos, da camada piscatória, os banheiros e vendedores são aqueles para quem as alterações sazonais têm um papel decisivo na forma como auferem os seus rendimentos e gerem as suas actividades. Para eles, a Ericeira de Inverno e a Ericeira de Verão são realidades distintas, que correspondem a diferentes ocupações e imaginários. A crescer a estes “personagens” há ainda um grupo de jovens ericeirenses, “os nadadores-salvadores”, para quem a praia representa a forma de “passar umas férias, ganhando algum dinheiro”.

A praia assume-se então como um espaço familiar, em que todos se conhecem e estabelecem com o espaço, e com os seus frequentadores, relações antigas. A zona dos toldos é um lugar de grande convívio entre famílias que são “vizinhas de toldo” há muitos anos. Neste contexto, o banheiro é, desde logo, o mais forte intermediário dos laços que se criam com o espaço. Ele faz parte da praia durante o Verão, e é um dos elementos decisivos das escolhas e das permanências dos banhistas.

No princípio do século XX surgiu o primeiro banheiro nesta praia: a já significativa afluência de banhistas fez com que um ericeirense, que tinha

a seu cargo a montagem das barracas de praia para uma família influente localmente, tenha decidido empreender um negócio por conta própria, montando barracas para outras pessoas e alugando-as ao dia. A iniciativa logo chamou a atenção de outros ericeirenses que lhe copiaram a ideia e a aplicaram noutros espaços ou praias da vila. Estes banheiros providenciavam sombra aos banhistas, colocavam no interior das barracas tinas de água salgada para que estes se pudessem banhar e retirar a areia do corpo e pés e ensinavam as crianças a nadar. Da parte da tarde, ficando a praia por sua conta, ajudavam as suas mulheres a estender sobre a areia deserta os enormes fatos de banho das “senhoras” que estas ficavam encarregues de passar por água doce.

Quando falamos em banheiro referimo-nos à “personagem-chave dos banhos” de mar. Aquele a quem cabia aplicar as prescrições médicas, o “colaborador no quadro da hidroterapia marinha, o intermediário precioso entre a medicina e os ‘balneopatas’⁵” (Désert 1983). Mas também quem conduzia ao prazer do banho, “protector e sedutor” (Urbain 1996).

Personagens-chave, mas também personagens muito rodeadas e fortemente apreciadas, nomeadamente pelos banhistas. A imagem bem conhecida do instrutor que carrega nos seus braços uma mulher para a conduzir aos banhos, não é um mito. A sua indústria consiste em acompanhar, no instante do banho, as pessoas que se metem na água, e prestar-lhes os mil pequenos cuidados (Désert 1983: 169-70).⁶

O banheiro foi, durante muito tempo, quem introduziu os banhistas no domínio balnear, era pela sua mão que aprendiam os requisitos do banho, a forma de o utilizar. Era também com ele que as crianças aprendiam a nadar, ele era o seu instrutor e companheiro. Segundo um relato recolhido durante o trabalho de campo, “Os banhos dados pelo banheiro eram violentos. As nossas mães diziam ‘são 5 mergulhos’, por exemplo, e o banheiro agarrava nas nossas cabeças e mergulhava, vínhamos cá a cima e nem tínhamos tempo de respirar, outro mergulho. Ainda hoje sinto as mãos do banheiro na minha cabeça. Mas era uma excitação!”

Note-se que, até à criação do Instituto de Socorros a Náufragos, o banheiro acumulava a montagem dos toldos e a função de “nadador-salvador”. Hoje, tal função implica determinados requisitos, que passam por um curso, e não pode ser desempenhada por indivíduos com mais de 50 anos. Os banheiros de outrora diferenciam-se de forma decisiva dos “nadadores-salvadores” de hoje, que se limitam a vigiar aqueles que se aventuram no mar.

⁵ Aqueles que se sujeitam a tratamentos por meio de banhos (balneoterapia).

⁶ Tradução livre e de minha autoria.

Além de terem o trabalho acrescido de proporcionar aos banhistas as já referidas comodidades, os banheiros garantiam a boa aplicação dos banhos que se efectuavam a determinadas horas e com requisitos específicos:

Antigamente a gente tinha a carta de banheiro e aquilo dava para tudo, era um papel selado assinado pelo comandante Santa Rosa, era uma carta de banheiro. Depois é que se começou a tirar por exame. Naquele tempo a gente trabalhávamos dez na praia: cinco banheiros e cinco ajudantes, antigamente não havia vigias, era ajudantes. E aí quando fosse onze horas da manhã iam todos os banheiros para a beira da água, e os ajudantes ficavam cá em cima a alugar as barracas, fazer as limpezas e essas coisas assim. E a gente usava umas canas muito grandes com uma bandeira encarnada e as pessoas tomavam banho ali, ninguém abusava. Quando chegasse à uma hora da tarde, a gente apitava e toda a gente saía de dentro de água, naquele tempo até era uma corneta como usavam os padeiros. A gente vinha comer e aí às duas horas voltávamos.

Fardados com uma camisola de turco azul onde se podia ler a palavra “banheiro”, estes homens faziam jus à sua denominação. Vestiam um casaco de lona embebido em óleo de linhaça, que era curado ao sol para se tornar impermeável, atavam uma corda à cintura e era assim que “davam os banhos”. Na zona da Baleia, uma corda perpendicular à praia servia de apoio aos banhistas.

Nos anos 50 foi formada, para exploração do negócio dos banhos, a Sociedade Banheiros Reunidos que chegou a requerer autorização para montar nesta praia o número máximo de 550 toldos e barracas em 1976.⁷

O negócio na praia era próspero mas competitivo e não era isento de conflitos e problemas. Para agradar aos banhistas, os banheiros desfaziam-se em simpatias, segundo se pode perceber pela descrição de um antigo banheiro:

As pessoas que não me conheciam tinham conhecimento de outras que me conheciam. Quando era cada um por si, nós tínhamos algumas atenções com os fregueses, havia uma casinha onde os fregueses se despiam e eu tinha lá sempre uma celhazinha cheia de água para limparem os pés às crianças. Depois à tarde quando vinham para a praia – cinco escudinhos, sete e quinhentos... às vezes eram as pessoas que estavam noutra *banheiro* mas ficavam ao lado de barracas minhas, as pessoas apanham-se muito na convivência na praia, não é? Assim como se arranjam namoricos arranjam-se grandes amizades na praia. E diziam: “o seu *banheiro* é muito simpático!” No outro ano a senhora veio dizer-me: “Sr. Luís, eu quero a minha barraca de sempre e fulana tal que estava ao meu lado quer que o senhor a ponha numa barraca sua ao pé de mim”. Os outros *banheiros* viam freguesas deles nas minha barracas e chamavam-me ladrão, diziam que lhes roubava os fregueses... e iam fazer queixa à Capitania. Eu era chamado e já sabia para o

⁷ Dados recolhidos na Delegação Marítima do Porto da Ericeira.

que era, eu ia buscar os bilhetes postais que as freguesas me tinham escrito e mostrava.

É a estabilidade da relação que mantém com os seus “fregueses de sempre”, que faz da Praia do Sul, para estes homens, um lugar especial. A continuidade sazonal destas relações, a sua permanência por várias gerações contribuem para a construção de uma memória comum, do espaço e das pessoas que o povoam. O “segredo do negócio” dos banheiros parece estar na relação que estabelecem com os seus fregueses. A relativa permanência das pessoas nesta praia, a sua fidelidade ao espaço é testemunhada pelos banheiros mais “antigos”, que a vêem como a melhor característica da Praia do Sul: “Eu tenho muitas fotografias com miúdos, alguns agora já são médicos. Outro dia uma senhora apareceu na praia com uma miúda pequena e ela disse: ‘Ó avó que banheiro tão velho!’ E a senhora respondeu: ‘Este é o Lixa, ele é que ensinou a avó a nadar!’ Ensinei muita gente a nadar.”⁸

A relação dos banhistas com os banheiros ultrapassa grandemente o espaço da praia, existindo inúmeras referências a ajudas que os primeiros facultam aos segundos, como acontece com médicos que os privilegiam em operações ou advogados que lhes prestam apoio jurídico.

A variação sazonal está na origem das experiências do tempo (e do espaço) que procurei tratar. E a alternância que esta impõe está na base dos significados que são conferidos a cada um dos tempos sociais. O Verão e o Inverno (como as duas partes mais influentes do ciclo anual) são investidos de sentidos diferenciados e avaliados de diferentes formas pelos grupos. Tanto os banhistas como os “jagozes” projectam no Verão uma conotação positiva que resulta, respectivamente, da ausência dos constrangimentos do trabalho e da possibilidade do aumento dos rendimentos (seja através do turismo ou da pesca). Mas o valor do Verão surge também ao nível simbólico: no Verão têm lugar as festas, no Verão “há mais gente e há mais vida”. O ericeirense passa o Verão a trabalhar, e muitas das suas actividades estão, directa ou indirectamente, ligadas à permanência dos “estranhos”; no entanto, este é o tempo de eleição: “passamos o Inverno todo à espera do Verão”, afirmam. Já para os banhistas, a Ericeira só existe no Verão, são eles que lhe levam a vida e a animação. O Verão é o tempo “nobre”, aquele que se deseja durante o Inverno e que se associa imediatamente a um espaço (diferente do resto do ano): a Ericeira.

Decorre desta avaliação do tempo outra desigualdade sentida ao nível da relação estabelecida entre os dois grupos. O encontro turístico, tal como foi definido pela “antropologia do turismo”, esconde uma organização hierárquica profunda. Enquanto um grupo procura no espaço da Ericeira prá-

⁸ Processos idênticos têm lugar noutras praias do país (cf. Dias 1995).

ticas contrastantes com as quotidianas de trabalho, outro grupo investe no lazer do primeiro. Ou seja, e conluo, o confronto com os estranhos permitiu aos ericeirenses construir uma identidade local específica baseada naquilo que definiram como “antigo e tradicional”. As relações que se estabeleceram entre banhistas e banheiros na principal praia de banhos da vila da Ericeira fazem parte desta estratégia identitária, uma vez que se enquadram na preservação de um estilo de vida “tradicional”.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAM, Simone, Jacqueline WALDREN, e Donald V. L. MACLEOD (orgs.), 1997, *Tourists and Tourism: Identifying with People and Places*, Oxford e Nova Iorque, Berg.
- CORBIN, Alain, 1995, “Du loisir cultivé à classe de loisir”, Alain CORBIN, (org.), *L’Avènement des Loisirs 1850-1960*, Paris, Aubiers, 56-80.
- DAUMARD, Adeline (org.), 1982, *Oisiveté et Loisirs dans les Sociétés Occidentales au XIXe siècle*, Colóquio pluridisciplinar, Amiens 19-20 de Novembro de 1982, Centre de Recherches d’Histoire Sociale de L’Université de Picardie.
- DÉSERT, Gabriel, 1983, *La Vie Quotidienne sur les Plages Normandes du Second Empire aux Années Folles*, Paris, Hachette.
- DIAS, Paula M. Pereira de Oliveira, 1995, “‘Ir a Banhos’ na Figueira da Foz no Dealbar do Século XX: um Olhar sobre uma Época”, *Revista Portuguesa de História*, XXX, 177-213.
- FENTRESS, James, e Chris WICKHAM, 1994, “Memórias de Classe e de Grupo nas Sociedades Ocidentais”, *Memória Social*, Lisboa, Editorial Teorema, 111-175.
- GELL, Alfred, 1992, *The Anthropology of Time: Cultural Constructions of Temporal Maps and Images*, Oxford e Providence, Berg.
- MACCANNELL, Dean, 1976, *The Tourist: a New Theory of the Leisure Class*, Nova Iorque, Schocken Books.
- PIMENTEL, Alberto, 1995 [1902], *Cartas da Ericeira: Recordações de um Escritor*, Lisboa, Acontecimento.
- SILVA, Jaime Lobo e, 1985, *Anais da Vila da Ericeira: Registo Cronológico de Acontecimentos Referentes à Mesma Vila desde 1229 até 1943*, Mafra, Câmara Municipal de Mafra.
- SMITH, Valene L. (org.), 1978, *Hosts and Guests: the Anthropology of Tourism*, Oxford, Basil Blackwell.
- URBAIN, Jean-Didier, 1996 [1994], *Sur la Plage: Mœurs et Coutumes Balnéaires (XIX-XX Siècles)*, Paris, Payot & Rivages.
- WALDREN, Jaqueline, 1996, *Insiders and Outsiders: Paradise and Reality in Mallorca*, Providence e Oxford, Berghahn Books.

Rita Jerónimo

“BANHISTAS” E “BANHEIROS” (SWIMMERS AND LIFE-GUARDS): A RECONFIGURATION OF IDENTITY IN ERICEIRA’S BEACH

Analyzing the discourses and practices related to the demarcation of social time in Ericeira (Portugal) the author identified two different periods in the yearly cycle. Those periods correspond to different ways of experiencing and valuing the community’s life: wintertime, when Ericeira recoils and takes stock of itself, and summertime, when everybody is mobilized outwards, due to the presence of “outsiders” who spend some time there “to go bathing”. The relationships established between “insiders” and “outsiders” at the main beach of this village, Praia de Banhos (Bathing Beach) generate a social reconfiguration of this setting. The analysis will focus on the identity strategies in seaside contexts.

